

A INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS COMO POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Melissa Pereira Mello

*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim
melissa.mello@edu.gramado.rs.gov.br*

Sonize Lepke

*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Erechim
sonize.lepke@uffs.edu.br*

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está enquadrado nos transtornos do neurodesenvolvimento e como principais características as pessoas que estão no espectro apresentam déficits significativos na comunicação, interação social, além de apresentarem comportamentos estereotipados ou ritualísticos, rigidez cognitiva e comportamental. A Intervenção Assistida por Animais (IAA) é um tipo de intervenção que utiliza animais para agregar aos objetivos propostos com as pessoas que por algum motivo possam ser beneficiadas com esse tipo de contato. A abordagem neste artigo refere-se à Educação Assistida por Animais (EAA), uma modalidade da IAA, cujo objetivo é utilizar o cão como recurso de mediação da aprendizagem com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Portanto, neste trabalho propõe-se a discutir os aspectos teóricos das IAA, bem como no aspecto educacional e seus benefícios para o público autista, tanto referente às aprendizagens de cunho pedagógico quanto social e também de bem-estar. Para isso, debruçei-me em estudos científicos de Dotti (2005), Petenucci (2016), Munhöz e Roma (2016), Dimolareva (2021), Nieforth (2020), dentre outros. Nesse contexto, a metodologia utilizada é de caráter qualitativa com enfoque na pesquisa bibliográfica. Os resultados obtidos deste estudo são promissores quanto ao benefício das intervenções com cães com crianças e adolescentes autistas. As pesquisas ainda são incipientes, o que nos mostra a necessidade em se investir em pesquisas robustas no campo principalmente da EAA. Importante ressaltar também que não são todas as pessoas com TEA que são beneficiadas com a intervenção com o cão. Algumas necessitam desenvolver um maior repertório em relação aos aspectos comportamentais e sociais, outras não gostam do animal, por não ser agradável, algumas apresentam questões sensoriais importantes. Entretanto, pode-se concluir na importância do investimento em pesquisa científica no campo das IAA's no sentido de poder levar informação relevante e de qualidade para pessoas que possam ser beneficiadas dessa prática que em muitas situações pode ser transformadora.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Intervenção Assistida por Animais. Aprendizagem

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, portanto, de estrutura cerebral, está relacionado ao funcionamento do cérebro. Nesse aspecto, as conexões sinápticas de pessoas do espectro têm uma dinâmica diferente das neurotípicas. Esse fato contribui para que esses indivíduos tenham uma forma diferente de perceber, sentir e atuar no mundo de maneira atípica se formos comparar a forma como a maioria das pessoas típicas agem em sociedade.

Nesse aspecto, crianças e adolescentes, que é o objeto de estudo desta pesquisa, apresentam bastante restrição às questões sociais, dificuldade de interação, principalmente com os pares e dificuldade de manter o contato visual. Na comunicação há bastantes lacunas, muitas crianças têm dificuldade em responder quando chamadas pelo nome e a responder perguntas mesmo sabendo a resposta.

Além dessas características de âmbito social, crianças e adolescentes apresentam déficits também nas funções executivas, o que impacta diretamente na aprendizagem como um todo, sobretudo sobre aspectos de aprendizagem de cunho formal (esfera pedagógica).

Levando em consideração todos esses déficits é que se pensa na possibilidade das Intervenções Assistidas por Animais (IAA's) com cães para criar mecanismos que contribuam com o desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas de crianças e adolescentes com TEA.

Evidentemente que há necessidade de se fazer uma entrevista com os familiares para que se tenha certeza de que não há nenhuma alergia grave, pânico de cachorro ou alguma questão sensorial importante que possa vir a desregular o indivíduo, como o cheiro, a baba ou o pelo do animal.

Tirando os aspectos que possam impedir o contato do cão com a criança/adolescente, estes podem ser beneficiados de diversas formas da interação com o cão através da mediação dos processos de aprendizagem.

Nesse sentido, no corpo do texto será discutido sobre os benefícios da Intervenção Assistida por Animais (IAA), especialmente no campo educacional para crianças e adolescentes com TEA.

A Intervenção Assistida por Animais com cães e seus benefícios para crianças e adolescentes com TEA.

A Intervenção Assistida por Animais é um tipo de intervenção que utiliza o animal como recurso de trabalho no sentido de contribuir com a melhora em algum âmbito específico na vida dos seres humanos. Talvez, a modalidade mais conhecida das intervenções seja a

Atividade Assistida por Animais (AAA), principalmente em relação aos cães que trabalham em hospitais, pois é um dos campos que mais temos acesso em reportagens tanto na televisão quanto em outros meios de comunicação. No entanto, também temos a atuação de cães nas escolas, seja em um trabalho mais formal no campo educacional, participando do planejamento pedagógico da escola e da turma, como também em atividades de contação de história ou até mesmo de algum tipo de brincadeira com as crianças.

Na área terapêutica também vemos algumas reportagens, na área da fisioterapia e terapia ocupacional, em que os cães podem ser grandes aliados no processo de reabilitação.

Neste artigo, a proposta é poder perceber o quanto os cães podem ser benéficos na relação com as crianças e adolescentes com TEA podendo contribuir com os processos de aprendizagens tanto sociais quanto relacionados às funções executivas.

Nieforth, Schwichtenberg e O'Haire (2021, p. 13) fizeram uma pesquisa de literatura a respeito das Intervenções Assistidas por Animais e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e nos trazem benefícios bastante significativos em relação ao contato com os animais.

[...] a hipótese da Biofilia (Wilson, 1984) sugere que os humanos são atraídos de forma inata pela natureza e pelos animais como meio de sobrevivência. O “efeito biofilia” (Julius *et al.*, 2013) sugere que quando os animais e a natureza estão calmos, os indivíduos interpretam a segurança no ambiente. Os animais também podem oferecer apoio social a indivíduos que servem como parceiros de apego seguros e sem julgamento (Beetz, 2017). Os animais podem funcionar como uma ponte para interações sociais no contexto humano-humano, oferecendo um suporte único para indivíduos com TEA (McNicholas & Collis, 2000). Estudos sobre IAA e indivíduos com TEA demonstram que as intervenções podem reduzir a gravidade geral dos sintomas, o estresse, os comportamentos problemáticos e repetitivos e pode melhorar as habilidades motoras e a comunicação (O'Haire, 2017).(tradução da autora).

Muitas pessoas se perguntam sobre qual seria o papel do cão na relação das crianças e adolescentes com TEA. Como sabemos, pessoas no espectro possuem dificuldade na interação e comunicação com humanos, porém, essa relação pode ser completamente diferente quando se trata de animais, sobretudo com cães. Os cães são seres sociáveis e, portanto, sencientes, além de perceberem o que os humanos estão sentindo, principalmente por conta do odor do nosso corpo referente a situações em que passamos. Quando estamos tristes ou felizes ocorre em nosso cérebro alterações neuroquímicas que perpassam pelo nosso corpo, ficamos mais tensos ou relaxados, todas essas alterações bioquímicas do organismo os cães percebem em maior ou menor grau dependendo da característica de faro de cada cão.

Segundo Prothmann *et al.* (2009) e McNicholas e Collis (2000) *apud* Dimolareva e Dunn (2020, p.13) as crianças com TEA têm maior tendência em interagir com animais do que com humanos ou objetos inanimados, nesse sentido, pensa-se que o contato com os animais possa atuar como um facilitador para a interação humana.

Nesse mesmo levantamento de Dimolareva e Dunn (2020) a partir das análises de Prothmann *et al.* (2009, p.13-14) há argumentação de que “os animais comunicam suas intenções de forma não verbal por meio da linguagem corporal, que pode ser mais fácil de ser entendida por indivíduos com TEA”.

Portanto, em casos de TEA, os cães sentem e percebem essas crianças de forma diferente de como nós seres humanos neurotípicos os percebemos. Os cães, neste caso os de intervenção, por serem socializados, treinados e apresentarem um perfil adequado, são cães que não são invasivos, que respeitam o tempo e espaço do outro, e evidentemente por possuírem comunicação não verbal, esses e outros motivos, acabam favorecendo a interação com muitas crianças e adolescente do espectro que se identificam com esses animais e acabam estabelecendo uma linda relação de confiança.

Nesse aspecto, Grandin *et. al apud* Munhöz e Roma (2016, p. 280) colocam que

[...] é difícil para uma pessoa com autismo coordenar as informações verbais e não verbais, essenciais para o entendimento da comunicação humana e nesse sentido, a comunicação com animais apresenta uma vantagem, pois ela é predominantemente não-verbal e pode ser interpretada de forma não-verbal.

Partindo desse pressuposto, temos muitos indícios através de pesquisas científicas o quanto os cães são capazes de contribuir com aprendizagens de caráter social, no sentido de favorecer uma maior aproximação com o animal, podendo aumentar e sustentar o contato visual e imitação, por exemplo. Nesse aspecto, o papel do educador que é também o condutor do cão é utilizar recursos pedagógicos pareando com o animal e consigo próprio, já que o objetivo é contribuir para um maior desenvolvimento de habilidades sociais dessas crianças e adolescentes com seus pares (pais, colegas, professores).

Segundo Bebko *et. al* Munhöz e Roma (2016, p. 280) “há indícios de que crianças autistas apresentem déficits relacionados à intermodalidade, que refere-se a habilidade de perceber e processar estímulos sensoriais associados, como estímulos linguísticos pareados a estímulos visuais”. Munhöz e Roma (2016) ainda afirmam que muitas relações entre seres humanos exigem este aspecto da intermodalidade e que por vezes pode ser uma habilidade bastante desafiadora para pessoas com TEA, exigindo um contexto maior de interpretação de sinais visuais e sonoros do ambiente, ao passo que esta relação com os cães são menos complexas e de mais fácil compreensão.

Outro aspecto significativo que nos demonstra o papel do cão na intervenção de crianças e adolescentes com TEA é colocado por Grandin; Fine e Browsers *apud* Munhöz e Roma (2016, p. 281) afirmando que “o modo de perceber o mundo das pessoas com autismo

baseia-se sobretudo no registro de informações sensoriais sobre os eventos. Esse pode ser um elemento essencial para explicar porque as pessoas com autismo se relacionam de forma mais confortável com os animais”.

Contato visual e imitação são habilidades pré requisitos para as aprendizagens de cunho cognitivo pedagógico e é um dos fatores que mais contribui para o atraso no desenvolvimento dessas habilidades em crianças com TEA. Pois para aprender nomes de objetos, cores, tamanhos e o mundo letrado é necessário que se olhe para o que está sendo posto. Claro que muitas crianças aprendem e desenvolvem muitas habilidades sem sustentar tanto o olhar, porém, poderiam aprimorar muito mais o repertório se conseguissem estabelecer um maior contato visual, bem como o fato de imitar o que outras pessoas fazem.

Segundo as pesquisas de Authausen (2006) *apud* Capote e Costa (2011, n.p) a relação com o cão favorece o desenvolvimento neuropsicomotor de crianças com deficiência intelectual, mas também de muitas com TEA, dizendo que “os encontros com os animais revelaram a ocorrência de diversas situações que podem ser usadas com diferentes objetivos, como: a aprendizagem de conceitos (cores, sequência, quantidade, formas e conteúdos), além de contribuir com o aumento do repertório de vocabulário.”

Em um de seus trabalhos, Petenucci (2016, p. 301) coloca como a Educação Assistida por Animais (EAA) passou a fazer sentido para ela na educação de seus alunos, trazendo a questão de que os cães podem auxiliar nas 3 dimensões, cognitiva, afetiva e psicomotora, auxiliando, portanto no desenvolvimento das crianças a partir do caráter lúdico no processo de ensino-aprendizagem.

A autora não aborda especificamente o público autista, no entanto, partindo do pressuposto que com crianças e por vezes também adolescentes com TEA é necessário criar estratégias mais lúdicas e utilizando o concreto, tendo como suporte o contexto de suas realidades, o pensamento de Petenucci (2016) contribui para que possamos acreditar numa EAA potente também os autistas.

Dotti (2005) traz também em seu trabalho relato de pesquisas norte americanas que indicam que as crianças apresentam-se mais abertas a estabelecer brincadeiras com os cães, ficam mais atentas e sorriem com mais frequência quando estão com os animais, mostrando assim um maior engajamento nas atividades e interesse no ambiente ao seu entorno.

Esta breve pesquisa de autores brasileiros e estrangeiros puderam nos trazer subsídios para compreender como e o quanto as IAA's podem ser benéficas para o público com TEA. Fica evidente a necessidade de se investir cada vez mais em pesquisa científica nesta área para que possamos fomentar discussões de qualidade e propiciar a criação de políticas públicas efetivas colocando as IAA como um direito de acesso às pessoas com TEA.

Considerações Finais

A partir da análise bibliográfica é possível inferir que a Educação Assistida por Animais - EAA (modalidade da Intervenção Assistida por Animais - IAA) pode contribuir de forma substancial nos processos de aprendizagem de caráter pedagógico e social de crianças e adolescentes com TEA.

É um recurso que o profissional da educação que tenha a formação em IAA pode utilizar de forma a agregar seu trabalho pedagógico, contribuindo para um maior desenvolvimento social e cognitivo de seus alunos.

Além disso, utilizar o cão como mediador dos processos de aprendizagem pode contribuir com relações de afeto significativas relacionando a escola e o aprender com algo prazeroso.

Referências

CAPOTE, Patrícia Sidorenko de Oliveira; COSTA, Maria da Piedade Resende. Terapia Assistida por Animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. Edufscar/Scielo Books. São Carlos/SP. 2011.

DIMOLAREVA, Mirena; Dunn, Thomas. Animal-Assisted Interventions for School-Aged Children with Autism Spectrum Disorder: A Meta-Analysis. Journal of Autism and Developmental Disorders, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32990899/> Acesso em: 1 set. 2023.

DOTTI, Jerson. **Terapia e Animais** - Atividade e Terapia Assistida por Animais - A/TAA - Prática para Organizações, Profissionais e Voluntários. Noética Editora. São Paulo/SP. 2005.

MUNHÕZ, Patrícia de Oliveira Lima; ROMA, Renata Paula Silva. Terapia Assistida por Animais e Autismo. In.:Org.: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma. **Terapia Assistida por Animais**. Manole. Barueri/SP. 2016.

NIEFORTH, Leanne; SCHWICHTENBERG, AJ; O'HAIRE, Marguerite. **Animal-Assisted Interventions for Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review of the Literature from 2016 to 2020**. Review Journal of Autism and Developmental Disorders, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40489-021-00291-6>. Acesso em: 31 ago. 2023.

PETENUCCI, Andréa Lorenzon. Educação Assistida por Animais. In.:Org.: CHELINI, Marie Odile Monier; OTTA, Emma. **Terapia Assistida por Animais**. Manole. Barueri/SP. 2016.